



Uso da Ultra-sonografia como meio auxiliar de Diagnóstico para Pancreatite em cães

SOUZA-BARBOSA, Juliana Graciela Machado¹; TILLMANN, Mariana Teixeira²; OTERO, Leonardo Barros³; RODRIGUES, Mateus Fernandes⁴; CARAPETO, Luiz Paiva⁵

¹Residente do Setor de Diagnóstico por Imagem (HUCV-UFPe) jujuvetufpel@yahoo.com.br

²Residente de Clínica Médica de Pequenos Animais (HUCV-UFPe)

³Graduando do Curso de Medicina Veterinária (FV/UFPe)

⁴Prof. Substituto da Disciplina de Prática Hospitalar - Dpto de Clínicas Veterinária (FV/UFPe)

⁵Prof. Adj. da Disciplina de Radiologia Veterinária - Dpto de Clínicas Veterinária (FV/UFPe)

1. INTRODUÇÃO

O ultra-som é considerado o exame de eleição para avaliação de enfermidades pancreáticas, oferecendo vantagens sobre as outras técnicas de imagem na rotina veterinária. Através dele, podemos analisar a estrutura do órgão de maneira segura e não invasiva e acrescentar informações ao diagnóstico, mesmo antes de serem observados os exames laboratoriais (BERFORD, 2004).

As doenças do pâncreas exócrino são, freqüentemente, uma conseqüência de inflamações agudas ou crônicas do pâncreas, ou da redução da massa pancreática e da secreção exócrina deste. As pancreatites são classificadas de acordo com a sua perspectiva clínica em aguda, aguda recorrente ou crônica. Também podem ser classificadas de acordo com seu efeito no paciente em branda, grave, não fatal ou fatal e de acordo com as seqüelas ocasionadas como a formação de abscessos hepáticos (SIMPSON, 2006).

Não há nenhuma causa bem documentada de pancreatite aguda nos cães, além de traumatismos parenquimatosos e vasculares e de hiperlipidemia. Frequentemente a suspeita recai sobre um histórico de ingestão de alimento gorduroso que possivelmente dispare esse distúrbio. Desnutrição, obstrução do ducto pancreático e parasitoses também são relatadas na bibliografia corrente (AIELLO, 2001; BURROWS, 2007). Outras etiologias incluem hipercalcemia e determinadas drogas (azitioprina, sulfonamidas e L- asparaginase, furosemida, tetraciclina e diuréticos tiazídicos) e toxinas como os organofosforados. Porém estas ainda não constituem causas comprovadas de pancreatite. Estudos recentes evidenciam que glicocorticóides não causam pancreatite em cães (HESS, 2006).

Em geral acredita-se que a pancreatite desenvolve-se quando há ação de enzimas digestivas dentro da glândula, com resultante autodigestão pancreática do

órgão. É provável que o local de início desta atividade enzimática envolva a ativação de zimogênios celulares (WILLIAMS, 2004).

A pancreatite acomete tipicamente cães de meia idade ou idosos, terriers ou de caça e gatos domésticos de pêlo curto. Não há predileção sexual, sendo cães e gatos castrados mais predispostos a desenvolver a enfermidade. Independente da raça ou sexo, a maioria dos cães afetados por pancreatite idiopática são obesos (BUNCHH, 2006).

Os sinais clínicos variam, dependendo da gravidade da doença e da extensão do envolvimento sistêmico. Os sinais são mais específicos e lembram os observados no caso de vários distúrbios gastrointestinais (AIELLO, 2001). Os achados comuns incluem vômito, anorexia, depressão, febre, desconforto abdominal e desidratação. Em gatos, vômitos ocorrem raramente, diarreia em cães e gatos não é um achado comum. A duração da sintomatologia varia de acordo com a gravidade da enfermidade (AIELLO, 2001; SCHAER, 2005).

Objetiva-se, através desse trabalho, relatar a importância do uso da ultrasonografia como meio auxiliar de diagnóstico para casos de pancreatite, independentemente da etiologia da mesma, através da descrição de um caso ocorrido no HUCV/UFPel.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi atendido no Hospital Universitário de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (HUCV/UFPel) um canino, macho, sem raça definida, de aproximadamente dois anos de idade, o qual apresentava dificuldade de locomoção e episódios de vômitos de coloração amarelada há uma semana. A proprietária relatou que o animal começou-se com esta sintomatologia clínica, após ter sido pisoteado acidentalmente, por outra pessoa. Informou também que o mesmo estava apresentando anorexia, anúria, e retenção fecal. Na realização do exame físico constatou-se que o paciente apresentava dor à palpação abdominal, mais precisamente na região cranial do abdômen. Apresentava também grau de desidratação de 8%, mucosas róseas-pálidas, temperatura retal de 39,2°C, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos e observou-se que o paciente adotava posição de reza.

Foi proposto como conduta clínica a realização de exames complementares, os quais consistiram na realização de hemograma completo, bioquímica sanguínea, com avaliação das enzimas lipase e amilase pancreática e também um estudo ultrasonográfico do pâncreas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos resultados dos exames realizados observou-se que o hemograma revelou alterações tanto na série vermelha quanto na branca. Na série vermelha, foi observado uma policitemia, que é caracterizada pelo aumento do número de eritrócitos, da concentração da hemoglobina e do volume globular acima do normal avaliado para cada espécie. Neste caso o hematócrito apresentava-se em um índice de 61%, sendo o permitido para a espécie canina, em torno de 37 - 55%, além de um aumento das proteínas plasmáticas totais, as quais estavam em 12,3g/dL de sangue, sendo que o considerado normal é de 6,0 – 8,0g/dL de sangue, o que nos indica que o animal estava

apresentando um quadro de desidratação acentuada. Já na série branca pôde-se observar uma leucocitose (aumento do número de leucócitos) devido uma neutrofilia, onde os neutrófilos segmentados estavam em número de 17.654 μ L, sendo o fisiológico entre 3.000 – 11.500 μ L.

Através do uso do exame ultra-sonográfico, realizado em modo bi-dimensional em frequência de 7,5MHz, observou-se na região de lobos pancreáticos, uma imagem mais hiperecótica com margens não tão bem delimitadas, o que nos indica que o órgão estava alterado, sendo sugestivo de um processo inflamatório, e ao realizar a passagem do transdutor nessa região, notou-se que o animal apresentava desconforto local.

Em condições normais a imagem pancreática será de um órgão com margens pouco definidas, ecotextura homogênea e ecogenicidade semelhante à gordura mesentérica, o que dificulta sua visualização no exame ultra-sonográfico. A aparência ultra-sonográfica varia de acordo com a severidade da resposta inflamatória e o tempo de desenvolvimento da doença. Nos processos inflamatórios de grau leve a moderado, podemos notar o pâncreas com contornos bem definidos, dimensões aumentadas e hipocogênico. Nos processos mais severos, o parênquima pancreático permanece hiperecogênico, porém as margens são menos definidas (BERFORD, 2004; FARROW, 2006).

Através do diagnóstico ultra-sonográfico, pôde-se instituir e dar início a terapia para esse paciente, mesmo antes de se ter os resultados da bioquímica sanguínea, a qual venho somente reforçar a suspeita clínica.

Quanto a bioquímica sanguínea, foi realizada somente avaliação da enzima amilase, não sendo avaliada a lipase pancreática, pois o laboratório requisitado não estava apto para tal avaliação. O resultado desta avaliação revelou uma hiperamilasemia (aumento da amilase sérica), a qual encontrava-se em 1.882U/dL, sendo que os valores de referência para a espécie canina são de 269 a 1.500U/dL. Casos de Hiperamilasemia podem ser indicativos de injúria aos ácinos pancreáticos e obstrução do ducto pancreático, podendo ocorrer também secundariamente a patologias extra-pancreáticas. Diversos órgãos no cão, como o intestino, os rins e o útero, já demonstraram ter atividade pancreática. Desta forma, no caso de pancreatite no cão, considera-se que os níveis de amilase devem estar de 3 a 4 vezes acima dos valores de referência. Porém valores normais de amilase não descartam a hipótese de Pancreatite (FÓSCOLO, 2007)

A terapia instituída para o paciente foi jejum alimentar e hídrico de 48 horas, sendo mantido em fluidoterapia com NaCl a 0,9% durante esse período. Aliado a isto administrou-se a este antibioticoterapia, anti-emético, analgésico e também foi proposto uma mudança na alimentação, passando para uma alimentação com baixos índices calóricos. A literatura relata que a base clássica da terapia para a pancreatite aguda é a manutenção do equilíbrio hidroeletrólítico enquanto o pâncreas está “em repouso”, retirando-se o alimento e permitindo-se, assim, a recuperação do episódio inflamatório (WILLIANS, 2004).

Logo após o início do tratamento o animal já demonstrara uma melhora clínica, sendo que o paciente ficou totalmente recuperado após o término da terapia.

4. CONCLUSÃO

Evidencia-se dessa forma, a importância do uso do exame ultra-sonográfico como meio auxiliar de diagnóstico na clínica de pequenos animais. O uso da ultrasonografia surgiu para complementar os exames radiológicos, tornando cada vez mais fácil, rápido e preciso à chegada ao diagnóstico definitivo, ou pelo menos listando os diagnósticos diferenciais, até mesmo quando trata-se de estruturas, as quais são dificilmente visualizadas ao exame radiológico, como é o caso do pâncreas, o qual é um órgão que apresenta dificuldade de ser avaliado ao exame radiológico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIELLO, S. E. **Manual Merck de Medicina Veterinária** 8ª ed. São Paulo: Roca, 2001. p. 1824

BERFORD, R.M. Pâncreas. In: Carvalho, C.F. **Ultra-sonografia em Pequenos Animais**. São Paulo:Roca, 2004. p. 75-79

BUNCH, S. E. Distúrbios Hepatobiliares e do Pâncreas Exócrino. In: NELSON, R. W. & COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006 p. 533-544

BURROWS, C. F. Pancreatitis in dog and cat. Disponível na internet: < <http://www.ivis.org>>. Acesso em: 03 de agosto de 2008, 15:30:50

FARROW, C.S. Doença Pancreática. In: _____. **Veterinária Diagnóstico por Imagem do Cão e do Gato**. São Paulo: Roca, 2006. p 662-666

HESS, R.S. Risk Factors for canine pancreatitis. Disponível na internet: < <http://www.ivis.org>>. Acesso em: 07 de agosto de 2008, 17:50:21

FÓSCOLO, C.B.; Bioquímica Sanguínea. In: Instituto Hermes Pardini. **Manual de Exames 2007/2008**. Minas Gerais: 2007

SCHAER, M. The Perils of Acute Pancreatitis in dog and cats. Disponível na internet:<<http://www.ivis.org>>. Acesso em: 07 de agosto de 2008, 18:01:37

SIMPSON, K.W. Doenças do Pâncreas. In: TAMS, T. R. **Gastroenterologia de Pequenos Animais**. 2ª ed. São Paulo:Roca, 2005. p 349- 364

WILLIAMS, D. A. Doença Pancreática Exócrina. In: ETTINGER, S. J. & FELDMAN, E. C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. 5ª ed. vol 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p. 1418-1443

